

Um olhar variacionista sobre *Aí* e *Então* no falar culto de Fortaleza

A variationist approach to *Aí* and *Então* in the formal speech of Fortaleza

Renatta Pires Franco*
Aluíza Alves de Araújo**

RESUMO

Este estudo analisa a variação no uso dos sequenciadores *aí* e *então* no português culto falado em Fortaleza, considerando fatores linguísticos e sociais. Baseado na Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2001, 2008), o estudo utiliza dados extraídos de 12 informantes do PORCUFORT – Fase II, especificamente do registro Diálogo entre Dois Informantes (D2), que privilegia a espontaneidade da interação. Os resultados mostram que a variante mais frequente é o sequenciador *aí*, com 118 dados (71%), enquanto o *então* obteve apenas 16 dados (10%). A variante *aí* é favorecida em contextos narrativos e informais, confirmando achados anteriores (ARAÚJO et al, 2019), bem como o uso de *aí* é favorecido por falantes jovens (15 a 25 anos), reforçando sua associação com a oralidade (TAVARES, 2016a, 2017). Além disso, na função discursiva de marcar consequência, o *aí* é favorecido. O paralelismo discursivo também se mostrou relevante, favorecendo *aí* em sequências que não iniciam a estrutura discursiva. Os achados evidenciam a influência de fatores sociais e discursivos na escolha dos sequenciadores e contribuem para ampliar a compreensão da variação linguística no português culto brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística Variacionista. Sequenciadores *aí/então*. Norma culta. Falar de Fortaleza

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2026n71.1520>

* Universidade Federal do Ceará, renatta.franco@aluno.uece.br,
<https://orcid.org/0000-0002-7736-6604>

** Universidade Estadual do Ceará, aluiza.araujo@uece.br
<https://orcid.org/0000-0003-2166-0852>

ABSTRACT

This study analyzes the variation in the use of the discourse sequencers *aí* and *então* in educated spoken Portuguese in Fortaleza, considering both linguistic and social factors. Grounded in Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2001, 2008), the study draws on data from 12 speakers of the PORCUFORT – Phase II corpus, specifically from the Dialogue between Two Informants (D2) register, which privileges spontaneous interaction. The results show that the most frequent variant is *aí*, with 618 occurrences (84%), whereas *então* appears in only 118 occurrences (16%). The variant *aí* is favored in narrative and informal contexts, confirming previous findings (ARAÚJO et al, 2019). Moreover, *aí* is preferred by younger speakers (15–25 years old), reinforcing its association with orality (TAVARES, 2016a, 2017). In addition, in the discourse function of marking consequence, *aí* is favored. Discourse parallelism also proved relevant, favoring *aí* in sequences that do not initiate the discourse structure. These findings highlight the influence of social and discursive factors on the choice of sequencers and contribute to broadening the understanding of linguistic variation in educated Brazilian Portuguese.

KEYWORDS: Variationist Sociolinguistics. Sequencers *aí/então*. Cultured spoken Portuguese. Fortaleza.

1. Introdução

O presente artigo investiga o uso dos marcadores discursivos *aí* e *então* em diferentes contextos interacionais, analisando como fatores sociais (sexo e faixa etária) e linguísticos (tópico discursivo, função discursiva e paralelismo) influenciam a variante *aí*. Para esta pesquisa, foram considerados os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, conforme Labov (2001, 2008).

Estudos anteriores sobre o fenômeno foram realizados por Tavares (2012, 2016a), que examinou sua manifestação na fala de Florianópolis e Natal. Além disso, Santos e Freitag (2011) desenvolveram um estudo voltado para compreender o fenômeno em Itabaiana, no estado de Sergipe. No contexto de Fortaleza, dois estudos se destacam pela análise detalhada desses marcadores: Araújo et al (2019) e Araújo et al (2020). Ambos utilizam pilares

teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista, analisando fatores linguísticos e sociais que influenciam o uso dessas variantes. Araújo et al (2019) investigaram o uso dos marcadores no falar popular de Fortaleza, com base no *corpus* do Projeto Norma Oral do Português Popular de Fortaleza – NORPORFOR. Os autores observaram que *aí* foi a variante predominante, correspondendo a 81,9% das ocorrências, especialmente em contextos mais informais e associados a tópicos discursivos como recordações. Além disso, constataram que *aí* é mais frequente entre falantes do sexo masculino, de menor escolaridade e pertencentes a faixas etárias mais avançadas, características que corroboram o estigma social associado a essa variante.

Por outro lado, Araújo et al (2020) analisaram os mesmos marcadores no falar culto de Fortaleza, utilizando dois tipos de registro Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e Elocução Formal (EF) do *corpus* do Projeto de Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT (fase I). Nesse estudo, *então* mostrou-se a variante mais produtiva, especialmente em contextos formais, como sequências argumentativas e expositivas, enquanto *aí* foi mais comum em contextos dialogais e narrativos. O trabalho evidencia a influência do grau de formalidade do registro e dos tópicos discursivos na escolha das variantes. Esses estudos, embora distintos quanto à variedade linguística analisada, falar popular e culto, convergem ao demonstrar que fatores sociais, como sexo, faixa etária e escolaridade, bem como fatores discursivos, como tópico e sequência discursiva, são relevantes no uso de *aí* e *então*. Tais contribuições fundamentam a relevância de investigações que explorem esses marcadores em diferentes contextos de fala, considerando tanto suas funções pragmáticas quanto às influências sociolinguísticas.

Diferentemente de Araújo et al (2020), o estudo que empreendemos utiliza a fase II do *corpus* PORCUFORT, mas restringe sua análise aos dados do registro Diálogo entre Dois Informantes (D2), um formato que permite capturar a interação mais espontânea entre participantes que possuem grau de familiaridade grande, como familiares ou amigos de longa data. Essa

abordagem favorece a observação do vernáculo em um ambiente mais natural, especialmente porque, nesse tipo de inquérito, “os informantes, necessariamente, são familiares ou amigos [...] utilizando a estratégia de narrativa de experiência pessoal, o documentador reduzia a tensão da situação e facilitava o surgimento do vernáculo, isto é, ‘o estilo em que se presta o mínimo de atenção ao monitoramento da fala’” (LABOV, 2008 [1972], *apud* ARAÚJO; VIANA; PEREIRA, 2020, p. 48). Ao focar nesse tipo de registro, este artigo busca preencher lacunas deixadas por estudos anteriores que priorizaram entrevistas mais estruturadas ou outros gêneros de fala.

Para este estudo, foram construídas as seguintes hipóteses: i) Em registros do tipo Diálogo entre Dois Informantes (D2), o marcador *aí* ocorre com maior frequência devido ao caráter informal e espontâneo do contexto, mesmo considerando a fala culta; ii) O marcador *aí* é mais frequente em discursos de falantes mais jovens, enquanto *então* ocorre mais em discursos de falantes mais velhos; iii) O marcador *aí* é mais utilizado em tópicos discursivos informais, como recordações e conversas sobre terceiros, enquanto *então* aparece com maior frequência em tópicos mais formais, como instrução ou explicação; iv) Quanto ao discursivo, quando *aí* é o primeiro da série, favorece a escolha do marcador *aí*, enquanto *então* tende a ser utilizado em contextos discursivos não paralelos; v) O marcador *aí* desempenha predominantemente a função de indicar sequência temporal e introduzir tópicos, enquanto *então* é mais associado a marcar consequências discursivas.

Este trabalho está dividido em cinco seções principais, além desta introdução que apresenta a delimitação do objeto de estudo, o objetivo da pesquisa, as hipóteses deste trabalho e os estudos que embasam a pesquisa. A segunda é uma apresentação do fenômeno em estudo, a terceira parte é a metodologia aplicada nesta investigação. A quarta parte revela os resultados e a análise dos dados obtidos e, por fim, a última seção traz as considerações finais.

2. Os marcadores discursivos: *aí* e *então* em foco

Este estudo dos marcadores discursivos, em especial os marcadores *aí* e *então*, insere-se na perspectiva teórica da Sociolinguística Variacionista, proposta por Labov (2008). Essa abordagem parte do princípio da heterogeneidade da língua, considerando que variações linguísticas não ocorrem de forma aleatória, mas são sistemáticas e influenciadas por fatores linguísticos e extralinguísticos. Desde a década de 1960, a Sociolinguística Variacionista tem demonstrado que a análise das variações linguísticas é uma ferramenta poderosa para desvendar as relações entre linguagem e sociedade, como reforçado por Weinreich, Labov e Herzog (2006). Assim, formas como *aí* e *então* não apenas desempenham funções pragmáticas no discurso, como também refletem escolhas condicionadas por fatores sociais, como sexo, faixa etária e escolaridade, além de fatores linguísticos (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006; MOLLICA; BRAGA, 2003).

Os marcadores discursivos *aí* e *então* são frequentemente utilizados na língua portuguesa para estabelecer coesão e progressão textual. Tavares (2012a) os define como sequenciadores, elementos que conectam segmentos do discurso, ao criar uma relação de continuidade e consonância entre enunciados. Por meio de processos de gramaticalização, *aí* e *então* adquiriram funções de articuladores textuais, sendo utilizados para: 1) sequenciar eventos, indicando a ordem pela qual as unidades conectadas sucedem-se ao longo do tempo discursivo, salientando o encadeamento de uma porção textual anterior com uma posterior; 2) marcar consequências, ou seja, introdução de eventos na ordem de ocorrência no tempo (valor de a seguir, depois), isto é, indicação de que o evento B aconteceu logo depois do evento A; ou 3) introduzir tópicos discursivos, trazendo informações que representam consequência em relação a uma causa mencionada previamente (TAVARES, 2012). Contudo, enquanto *então* é considerado estilisticamente neutro, *aí* está frequentemente associado a contextos de maior informalidade e carrega um estigma social por ser menos valorizado em ambientes formais (ARAÚJO et al, 2019; TAVARES, 2016a).

Os estudos de Tavares (2012, 2016b) investigaram a relação entre fatores sociais, como faixa etária e escolaridade, e o uso dos marcadores discursivos *aí*, *então*, *e* e *daí*, a partir de análises realizadas em rodadas ternárias, nas quais os pesos relativos devem ser interpretados de forma comparativa entre as variantes. Em Tavares (2012), a autora compara os usos em Florianópolis (SC) e Natal (RN). Em Natal, *aí* apresentou maior frequência entre pré-adolescentes (9 a 11 anos), com 89/125 ocorrências (71%) e peso relativo de 0,675, indicando uma tendência mais acentuada de uso nesse grupo etário. Já *então* ocorreu com maior frequência entre falantes adultos (25 a 45 anos), com 82/441 ocorrências (19%) e peso relativo de 0,469, valor que aponta para uma posição intermediária no conjunto de variantes analisadas. O marcador *e*, por sua vez, foi mais recorrente entre indivíduos com mais de 50 anos, com 182/345 ocorrências (53%) e peso relativo de 0,324. Em Florianópolis, *aí* esteve presente em 125/343 ocorrências (36%) entre jovens de 15 a 21 anos, com peso relativo de 0,516, enquanto *daí* se destacou entre crianças de 9 a 11 anos, com 240/307 ocorrências (78%) e peso relativo de 0,941.

O marcador *então* mostrou-se mais favorecido entre os falantes mais velhos (acima de 50 anos), concentrando 82 de um total de 325 ocorrências (25%) e apresentando peso relativo de 0,352. Nesse mesmo grupo etário, o conector *e* foi responsável por 150 ocorrências (46%), com peso relativo de 0,284. A preferência pelo uso de *então* entre falantes mais velhos também se confirma na distribuição geográfica, com 25% das ocorrências em Florianópolis e 17% em Natal. Em conjunto, esses resultados indicam que os marcadores *aí* e *daí* tendem a associar-se a falantes mais jovens, enquanto *e* e *então* são favorecidos por falantes mais velhos, reforçando a existência de padrões de variação sensíveis à faixa etária.

No estudo de Tavares (2016b), o foco recai sobre o impacto da escolaridade no uso dos marcadores em Florianópolis e Natal. Em Natal, *aí* foi usado por falantes com Ensino Fundamental I (4 anos), ocorrendo em 284/635 casos (45%), com peso relativo de 0,478, enquanto entre falantes com Ensino Médio (11 anos) caiu para 133/482 ocorrências (28%), com peso relativo igual

a 0,211. Já *e* e *então* foram empregados por falantes mais escolarizados: *e* apareceu em 237/482 ocorrências (49%), com peso relativo 0,341, e *então* em 112/482 ocorrências (23%), com peso relativo 0,448. Em Florianópolis, o padrão é semelhante: *ai* ocorreu em 225/557 casos (40%) entre falantes com menor escolaridade, com peso relativo 0,346, mas caiu para 45/385 ocorrências (12%) no grupo mais escolarizado, com peso relativo 0,154. Já *e* e *então* cresceram no Ensino Médio: *e* atingiu 171/385 ocorrências (44%), com peso relativo 0,270, e *então* destacou-se com 163/385 ocorrências (42%), com peso relativo 0,415. Esses dados confirmam que *ai* se associa a falantes com menor escolaridade, enquanto *e* e *então* refletem maior prestígio social, aparecendo com mais frequência entre os mais escolarizados.

Santos e Freitag (2011) exploraram o uso dos marcadores *assim*, *ai*, *e* e *depois* no falar popular de Itabaiana (SE), analisando 712 ocorrências dessas variantes. O marcador *ai* foi o mais frequente, com 283 ocorrências (40%), seguido por *e* com 211 ocorrências (29%), *assim*, com 176 ocorrências (25%) e *depois*, com 42 ocorrências (6%). Na análise estatística, *ai* apresentou peso relativo de 0,55, confirmando seu favorecimento, enquanto *assim* obteve peso relativo de 0,41, *e* de 0,36 e *depois* de 0,24, indicando que estes últimos são menos favorecidos na comunidade de fala. Quando observadas as diferenças de uso por sexo, verificou-se que as mulheres usaram mais *ai* (194 ocorrências; 40%) e *assim* (144 ocorrências; 30%), enquanto os homens empregaram mais *e* (107 ocorrências; 43%) e recorreram menos a *assim* (32 ocorrências; 13%).

Os pesos relativos reforçam esse padrão: para as mulheres, *ai* obteve peso relativo de 0,61 e *assim* de 0,52, ao passo que, entre os homens, o maior favorecimento recaiu sobre *e* (PR = 0,58). Esses resultados destacam uma associação entre as mulheres e o uso de marcadores mais informais, como *ai* e *assim*, enquanto os homens demonstraram preferência por *e*, marcador associado a maior formalidade. O estudo evidencia, portanto, a influência de fatores sociais — como sexo, idade e escolaridade — na escolha e no uso de marcadores discursivos, revelando padrões consistentes de variação

linguística que refletem tanto características individuais quanto contextos socioculturais.

Na cidade de Fortaleza, encontramos o estudo de Araújo et al (2019) que se debruçou sobre o uso de *aí* e *então* no falar popular da cidade, utilizando entrevistas do *corpus* NORPORFOR, do tipo Elocução Formal - EF, Diálogo entre Informante de Documentador - DID e Diálogo entre Dois Informantes - D2. A pesquisa revelou que *aí* foi a variante predominante, com 81,9% das ocorrências, especialmente em tópicos informais como recordações. Já o marcador *então* mostrou-se mais frequente em tópicos que exigem maior monitoramento da fala, como repreensões e explicações. Um outro trabalho é o de Araújo et al (2020), que analisaram o uso dos sequenciadores no falar culto de Fortaleza, utilizando dados do *corpus* PORCUFORT – Fase I, coletados no final da década de 1990. Nesse estudo, o marcador *então* foi favorecido em registros do tipo EF e DID, com peso relativo de 0,68, enquanto *aí* destacou-se em contextos de maior espontaneidade, sobretudo nos diálogos D2, embora com menor frequência em comparação ao estudo do NORPORFOR, apresentando peso relativo de 0,41.

Essas pesquisas evidenciam que o uso de *aí* e *então* varia significativamente de acordo com o tipo de registro da gravação e o controle dos fatores sociais. No entanto, lacunas permanecem no que diz respeito à interação entre variáveis linguísticas e extralinguísticas, especialmente em registros dialógicos como o Diálogo entre Dois Informantes (D2), que oferecem maior espontaneidade na fala. Assim, este estudo visa aprofundar a análise desses sequenciadores no contexto do registro D2, contribuindo para uma compreensão mais abrangente de seus condicionamentos e usos no português culto falado em Fortaleza.

Após a apresentação dos estudos que fundamentaram a escolha das variáveis controladas neste trabalho, agora serão descritos os aspectos metodológicos desta pesquisa.

3. Metodologia

3.1 O *corpus*, a amostra e as variáveis

Nesta seção, serão descritos os procedimentos metodológicos adotados durante o desenvolvimento deste estudo. Desse modo, é importante iniciar especificando o banco de dados escolhido. Decidiu-se trabalhar com dados do *corpus* do Projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza, doravante PORCUFORT, em sua fase II. O PORCUFORT é um banco de dados de variação linguística focado na análise do português culto falado em Fortaleza, como o acrônimo anuncia. Segundo Araújo et al (2018), o termo culto é utilizado sem intenção de apontar alguma superioridade, que, historicamente, tem sido atribuída à norma culta sobre as demais normas linguísticas, como por exemplo, a norma popular.

O projeto contou com a participação de diversos professores e pesquisadores ao longo de suas fases. Na Fase I, iniciada na década de 1990, o projeto foi organizado pelo Prof. Dr. José Lemos Monteiro, da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Posteriormente, na Fase II, que ocorreu no final da década de 2010 e início da década de 2020, o projeto passou a ser coordenado pela Prof. Dra. Aluíza Alves de Araújo, também da Universidade Estadual do Ceará (UECE). (ARAÚJO et al 2018)

Conforme descrito por Araújo et al (2018), o PORCUFORT é composto por 73 informantes, distribuídos segundo os seguintes critérios: sexo (masculino e feminino), três faixas etárias (grupo I: 22 a 35 anos, grupo II: 36 a 55 anos e grupo III: acima de 56 anos) e três tipos de registro (Diálogo entre Informante e Documentador – DID, Diálogo entre Dois Informantes – D2 e Elocução Formal – EF). Ainda segundo Araújo et al (2018), o projeto adota critérios específicos para garantir uma representação mais fiel do falar culto de Fortaleza. Os informantes devem ser nascidos na cidade, não terem se ausentado por mais de dois anos, serem filhos de cearenses, residirem em

Fortaleza e possuírem, no mínimo, nível superior completo em qualquer área de conhecimento.

Os informantes desta amostra estão distribuídos de acordo com o quadro a seguir:

Quadro 1 – Distribuição de informantes da amostra

Faixa etária	Sexo	
	Masculino	Feminino
I (22-35)	2	2
II (36-55)	2	2
III (56-em diante)	2	2
Total	12	

Fonte: Elaborado pelas autoras

Dentre os tipos de registro disponíveis do PORCUFORT, apenas os dados provenientes do D2 foram analisados em nossa amostra. Tal modalidade de registro se caracteriza por ser um contexto de fala com características muito próximas ao vernáculo local. No D2, sempre temos a presença de dois informantes que possuem elevado grau de familiaridade (como amigos ou parentes), interagindo, espontaneamente, durante a gravação (ARAÚJO et al, 2018).

A variável dependente deste estudo é formada pelas variantes *aí* e *então*, sendo classificada como uma variável binária. Aponta-se que “essas variantes ocorrem de maneira regular e são influenciadas por fatores que favorecem seu uso”, indicando que seu emprego não ocorre de forma aleatória (ARAÚJO et al, 2019, p. 338). Ainda que a escolha entre as variantes não seja fortuita, essa seleção nem sempre ocorre de maneira consciente. No âmbito da análise, a variável dependente pode ser inserida nas categorias de significado social das formas linguísticas em variação: estereótipos, marcadores e indicadores, conforme os critérios estabelecidos por Labov. Os marcadores,

segundo a definição apresentada, exibem tanto estratificação estilística quanto social e, mesmo quando se encontram abaixo do nível consciente, geram respostas previsíveis em testes de reação subjetiva (LABOV, 2008, p. 360). A explicação acerca da categoria de marcador é pertinente, considerando a interpretação de que os sequenciadores *aí* e *então* funcionam como marcadores dentro da comunidade de fala estudada, tal como discutem Tavares (2012, 2016a) e Araújo et al (2019, 2020), que analisam essas formas no português falado como variantes de um mesmo paradigma funcional de sequenciação discursiva.

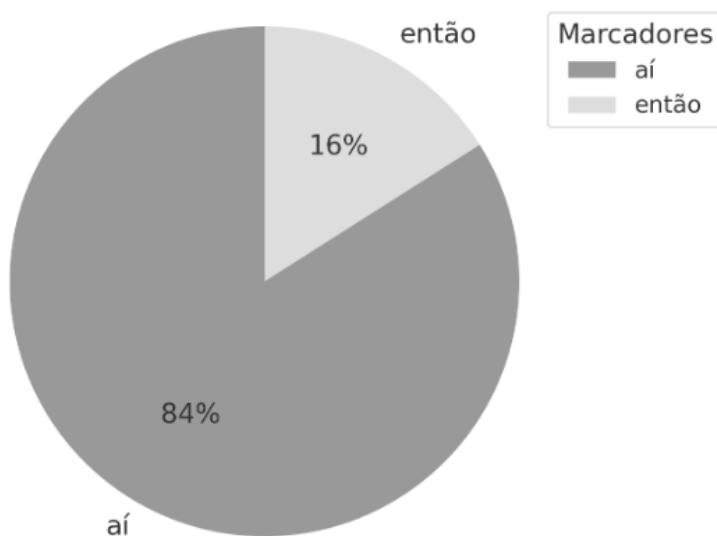
Foram testadas as variáveis extralinguísticas, a saber: sexo (masculino e feminino) e faixa etária (I - 22 a 35 anos, II - 36 a 50 anos e III - a partir de 51 anos), bem como as seguintes variáveis linguísticas, a saber: *Tópico Discursivo* (casual, trabalho, recordações, terceiros, vida pessoal, política, religião, instrução/explicação); Função Discursiva (indicar sequência temporal, marcar consequência e introduzir tópicos) e Paralelismo (primeiro da série e não primeiro da série). Coletamos nossos dados das transcrições dos inquéritos que foram codificados, para que fossem submetidos à análise estatística com o uso do programa *Goldvarb X*, que é um programa estatístico amplamente utilizado na sociolinguística variacionista para realizar análises multivariadas. Ele permite investigar como diferentes fatores linguísticos e sociais influenciam a variação e mudança linguística, identificando quais fatores têm maior peso na escolha de determinadas variantes linguísticas (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005).

Atendendo ao que determina a ética em pesquisas na área de Ciências Humanas, posto que esta pesquisa pertence ao ramo da Linguística, o Projeto que deu origem a segunda amostra do PORCUFORT (Fase II) foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UECE da Universidade Estadual do Ceará (CAEE:79693417.7.0000.5534).

4. Análise de Dados

Ao todo, foram registradas 736 ocorrências das variantes *aí* e *então* e, deste total, 618 dados (84%) pertencem à forma não padrão, *aí*, e 118 ocorrências (16%) pertencem à variante padrão, *então*. A frequência de uso para *aí* corrobora com a hipótese inicial, segundo a qual, devido ao caráter informal e espontâneo do contexto, mesmo considerando a norma culta, o *aí* seria mais corriqueiro, como demonstrado no Gráfico 1, a seguir.

Gráfico 1 – Frequência de uso das variantes analisadas em nossa amostra.



Fonte: elaborado pelas autoras.

O GoldVarb X efetuou a análise binominal (*step up and and down*), considerando a variante *aí* como valor de aplicação. Nesta rodada, o programa mostrou que a melhor análise foi a rodada 15, com *input* = 0.891 e nível de significância = 0.017. Nesta rodada, o programa selecionou, como relevantes, os seguintes grupos de fatores Tópico Discursivo, Faixa Etária, Função

Discursiva e Paralelismo, nesta ordem de importância. A seguir, analisaremos cada uma destas variáveis.

Tópico Discursivo

Quando se trata do tópico discursivo, há diversas definições. No entanto, para esta pesquisa, adotamos a concepção de que o “tópico sintetiza um fragmento de discurso coerente, sem que necessariamente seja explicitado pelo falante ou escritor” (PINHEIRO, 2011, p. 44). Segundo Pinheiro (2011), o tópico está vinculado aos temas abordados no texto, representando “o conteúdo sobre o qual se fala ou escreve, indicando a perspectiva focalizada” (PINHEIRO, 2011, p. 50).

Araújo et al (2019, p. 339) reconhecem a relevância dos tópicos discursivos como fator de análise no uso de sequenciadores. Segundo os autores, compreender quais tópicos discursivos estão associados aos sequenciadores e de que forma essa conexão ocorre pode contribuir para uma melhor compreensão das escolhas feitas pelos falantes. Nesta pesquisa, classificaram-se os tópicos discursivos de acordo com as ocorrências encontradas no *corpus*, a saber: conversas casuais, conversas relacionadas ao trabalho, conversas sobre terceiros, recordações, relato de vida pessoal, política, religião e instrução/explicação.

Verifica-se, na Tabela 1, que os fatores recordações (0,807), instrução/explicação (0,702), conversas sobre terceiros (0,664) e política (0,599) despontam como aliados do sequenciador *aí*, já os fatores vida pessoal (0,299), religião (0,264), trabalho (0,230) e conversas casuais (0,183) inibem a sua aplicação.

Tabela 1 – Atuação da variável tópico discursivo sobre a variante “*ai*”

Fatores	Aplicação/Total	%	Peso Relativo
Recordações	159/165	96,4	0,807
Instrução/ Explicação	12/13	92,3	0,702
Terceiros	134/144	93,1	0,664
Política	40/44	90,9	0,599
Vida Pessoal	157/213	73,7	0,297
Religião	7/10	70	0,264
Trabalho	90/119	75,6	0,255
Conversas Casuais	19/28	67,9	0,183

Fonte: elaborada pelas autoras.

Com base na Tabela 1, nota-se que o resultado obtido corrobora com o estudo de Araújo et al (2019) sobre o uso dos sequenciadores *ai* e *então* no falar popular de Fortaleza, no qual o fator “recordações” foi o mais produtivo para *ai*. Aqui, o fator “recordações” apareceu em 96,4% das ocorrências, com peso relativo de 0,807, revelando ser o fator mais influente para a variante *ai*. Esse resultado já refuta Araújo et al (2020), em que o maior aliado foi o fator “instrução/explicação”.

Um resultado que merece destaque é o tópico “política”, que apresentou 40/44 ocorrências (90,9%) de *ai*, com peso relativo de 0,599. Esse favorecimento é interessante porque, em princípio, o discurso político poderia demandar maior monitoramento da fala, contexto no qual o marcador *então* seria esperado como forma de maior prestígio. Contudo, os dados indicam que, mesmo em temas mais formais, a variante *ai* mantém espaço expressivo, possivelmente em razão de o caráter argumentativo, emocional e persuasivo desse tipo de tópico, que aproxima o discurso de uma oralidade mais espontânea.

Deve-se considerar que o fator “religião”, com apenas 10 ocorrências, foi o que apresentou a menor quantidade de dados na amostra. Ainda assim, os resultados apontam para a validação da hipótese de que tópicos discursivos de

caráter mais informal, como “recordações”, favorecem o uso do sequenciador *aí*. Esse comportamento confirma a tendência de que, em contextos menos monitorados, a linguagem se constrói de modo mais espontâneo, favorecendo variantes associadas à informalidade.

A relevância do fator “recordações” na seleção do sequenciador *aí* pode estar relacionada à natureza discursiva desse tipo de enunciado. Relatar lembranças frequentemente envolve a reconstrução de eventos passados de forma não linear, exigindo a conexão entre diferentes momentos da narrativa. Nesse contexto, *aí* atua como um marcador que organiza a progressão discursiva, sinalizando a introdução de novos eventos, mudanças de perspectiva ou desdobramentos inesperados. Além disso, por se tratar de uma estrutura típica da oralidade, *aí* contribui para a fluidez do relato, permitindo ao falante recuperar e organizar informações de maneira espontânea. Esse resultado dialoga com o que apontam Tavares (2012, 2016a) e Araújo et al (2019), que também observaram o favorecimento de *aí* em contextos narrativos e informais, confirmando sua função como marcador associado à oralidade espontânea.

Faixa Etária

Confirmando uma das hipóteses levantadas inicialmente neste estudo, o marcador *aí* é mais frequente em discursos de falantes mais jovens, como pode ser visto na Tabela 2 a seguir:

Tabela 2 – Atuação da variável faixa etária sobre a variante “*aí*”

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
I (15 a 25 anos)	280/322	87	0,631
II (26 a 55 anos)	169/193	87,6	0,479
III (56 anos em diante)	169/221	76,5	0,330

Fonte: elaborada pelas autoras.

A partir da Tabela 2, observa-se que os informantes mais jovens (15 a 25 anos) apresentam um peso relativo de 0,631, ao contrário dos adultos, de 26 a 55 anos, com peso relativo 0,479, e dos idosos, com peso relativo 0,330. Assim, apenas os mais jovens favorecem a realização do sequenciador *aí*, o que não sugere nenhuma mudança em curso. Além disso, verificamos que os resultados da tabela 2 reforçam a tese de que a variante *aí* é menos produtiva entre os mais velhos (a partir dos 56 anos), mesmo com uma frequência de uso ainda relativamente alta (76,5%), comparando-se com os adultos (87,6) e jovens (87%).

O maior uso e favorecimento do sequenciador *aí* entre os jovens pode estar associado a características da oralidade e da informalidade típicas desse grupo etário. Estudos, como os de Tavares (2016a, 2017), indicam que falantes mais jovens tendem a empregar estruturas marcadas pela espontaneidade, fluidez e menor planejamento discursivo, características em que *aí* se destaca. Esse sequenciador desempenha um papel essencial na organização do discurso falado, especialmente em narrativas e relatos informais, funcionando como um conector flexível que introduz novas informações, indica mudança de perspectiva ou preenche pausas na fala. Além disso, a influência das interações cotidianas e do ambiente digital, onde a comunicação tende a ser mais dinâmica e fragmentada, pode reforçar o uso de *aí* como um recurso discursivo natural entre os jovens.

Função Discursiva

Como pode ser visto na Tabela 3, o fator *marcar consequência* apresenta a maior frequência de uso (87,4%) no emprego da variante *aí* e um peso relativo de 0,552, indicando que favorece este sequenciador. Já os outros dois fatores, *indicar sequência temporal*, com peso relativo 0,387, e *introduzir tópicos*, com peso relativo 0,311, desfavorecem a variante *aí*. Desse modo, apenas o fator *marcar consequência* favorece o uso do sequenciador *aí*, rejeitando a hipótese inicial sugerida para esta variável, segundo a

qual o marcador *aí* desempenha predominantemente a função de indicar consequência, enquanto *então* está associado a marcar sequência temporal e introduzir tópicos.

Tabela 3 – Atuação da variável função discursiva sobre a variante “*aí*”

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Marcar Consequência	498/570	87,4	0,552
Indicar Sequência Temporal	29/38	76,3	0,387
Introduzir Tópicos	91/128	71,1	0,311

Fonte: elaborada pelas autoras.

O fator *marcar consequência* favorece o uso do sequenciador *aí* porque esse conectivo desempenha um papel essencial na organização causal dos eventos no discurso oral. Segundo Tavares (2016a), *aí* é um marcador típico da oralidade, utilizado com frequência para estabelecer relações de causa e efeito de maneira fluida e espontânea, especialmente em narrativas informais. Além disso, Tavares (2017) destaca que esse sequenciador aparece com relevância em relatos de experiência pessoal e opinião, funcionando como um recurso discursivo para introduzir desdobramentos lógicos e inferências. A preferência por *aí* na marcação de consequência também está relacionada à sua flexibilidade no discurso falado, permitindo conexões entre enunciados sem a rigidez de conectivos mais formais, como, “portanto” ou “assim”. Dessa forma, a sua recorrência nesse contexto reforça sua função pragmática na progressão discursiva, tornando-o um elemento chave na construção interativa do texto oral.

Paralelismo

O paralelismo linguístico é compreendido como um recurso textual que se manifesta pela repetição de estruturas sintáticas, semânticas ou rítmicas,

contribuindo para a coesão e para o ritmo da enunciação. Halliday e Hasan (1976) já haviam apontado o paralelismo como uma das formas de coesão textual que reforçam a continuidade do discurso. No contexto brasileiro, Koch (2004, 2008) discute a importância da repetição e do paralelismo como mecanismos de articulação textual e de construção da coerência. Marcuschi (2008), por sua vez, enfatiza que, na oralidade, o paralelismo e a repetição são estratégias recorrentes que favorecem a organização e a progressão temática. Embora poucos estudos tratem diretamente do paralelismo em sequenciadores discursivos, investigações como as de Tavares (2012, 2016a) permitem relacionar esse conceito ao papel de formas como *aí* e *então*, cuja recorrência contribui para a estruturação narrativa e para a fluidez da fala.

Na Tabela 4, logo a seguir, vemos os resultados da atuação do paralelismo sobre a variante *aí*:

Tabela 4 – Atuação da variável paralelismo sobre a variante “*aí*”

Fatores	Aplica/Total	%	Peso Relativo
Não primeiro da série	162/178	91,0	0,630
Primeiro da série	456/558	81,7	0,458

Fonte: elaborada pelas autoras.

O fator *não primeiro da série* favoreceu o uso da variante *aí* (91%, com peso relativo igual a 0,630), indicando que essa forma ocorre preferencialmente em sequências discursivas internas. Já o fator *primeiro da série*, embora apresente 81,7% de frequência, obteve peso relativo de 0,458, configurando-se como inibidor do uso de *aí*. Esses resultados refutam a hipótese inicial do estudo, pois mostram que o marcador aparece mais como elemento de continuidade discursiva do que como iniciador de tópico ou turno. Nesse caso, o *aí* constrói coesão interna, ligando partes do discurso já em andamento, funcionando, portanto, mais como segundo marcador do que como primeiro.

Isso pode indicar que *aí* tem forte comportamento de continuidade, funcionando mais como elemento de sequência discursiva interna do que como iniciador de tópico ou novo turno. Nesse caso, o *aí* está construindo

coesão interna, ligando partes do discurso já em andamento, por isso aparece mais como segundo marcador do que como primeiro.

Considerações Finais

Este estudo investigou o uso dos sequenciadores *aí* e *então* no português culto falado em Fortaleza na perspectiva variacionista. Os resultados confirmaram a hipótese de que *aí* é a variante mais recorrente no registro Diálogo entre Dois Informantes - D2, mesmo na variedade culta, o que reforça sua associação com a oralidade e a informalidade (TAVARES, 2012, 2016b; ARAÚJO et al., 2019). Além disso, foi possível demonstrar que o uso desses marcadores não ocorre de forma aleatória, mas é condicionado por fatores, como faixa etária, tópico discursivo, função discursiva e paralelismo.

Entre as variáveis analisadas, o tópico discursivo foi o fator mais relevante na escolha de *aí*, especialmente no contexto de recordações. Esse achado corrobora a pesquisa de Araújo et al (2019), que identificou essa mesma tendência no falar popular de Fortaleza. A predominância de *aí* nesse contexto sugere que ele desempenha um papel essencial na estruturação narrativa, organizando a progressão discursiva e facilitando a rememoração de eventos passados.

A análise da faixa etária evidenciou que *aí* é mais frequente entre falantes mais jovens, o que está alinhado com os achados de Tavares (2012, 2016b), que demonstram uma associação entre formas linguísticas mais espontâneas e o grupo etário mais novo. Essa preferência pode estar relacionada à maior exposição dos jovens a contextos de fala informal e ao impacto das interações digitais, onde a comunicação tende a ser mais dinâmica e fragmentada.

No que diz respeito à função discursiva, o sequenciador *aí* foi favorecido para marcar consequência, contrariando a hipótese inicial de que sua principal função seria indicar sequência temporal. Esse resultado confirma a análise de Tavares (2016a, 2017), que aponta *aí* como um marcador que introduz inferências e desdobramentos lógicos no discurso oral.

Por fim, o estudo sobre paralelismo discursivo mostrou que *aí* foi mais favorecido no fator *não primeiro da série*, invalidando a hipótese de que seu uso seria mais privilegiado como elemento introdutório. Essa relação sugere que *aí* atua não apenas como um marcador inicial, mas também como um recurso de continuidade dentro de sequências discursivas mais amplas, reforçando seu papel na coesão textual (SANTOS; FREITAG, 2011).

A partir dessas análises, este estudo contribui para o aprofundamento das investigações sobre variação e mudança linguística, reafirmando o impacto das condições sociais e

discursivas na escolha de sequenciadores. Além disso, ao adotar um recorte específico do *corpus* PORCUFORT Fase II, a pesquisa preenche uma lacuna deixada por estudos anteriores, que privilegiaram registros mais formais e dados mais antigos.

Sugere-se, como continuidade desta investigação, a ampliação da análise para outros tipos de registros dentro do PORCUFORT, como o Diálogo entre Informante e Documentador (DID) e a Elocução Formal (EF), a fim de verificar se as tendências observadas no D2 se mantêm em diferentes graus de monitoramento da fala.

Referências

ARAÚJO, A. A. de; VIANA, R. B. de M.; PEREIRA, M. L. de S. O Projeto Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT: das origens aos dias atuais. **Web-Revista SOCIODIALETO**, Campo Grande, v. 8, n. 24, p. 174-198, 2018. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/51933>. Acesso em: 12 jan. 2025.

ARAÚJO, A. A.; CARVALHO, D. M.; SILVA, A. E. A. Os sequenciadores *aí/então* no falar popular de Fortaleza: um estudo variacionista. **Web-Revista SOCIODIALETO**, Campo Grande, v. 9, n. 27, p.328 - 347, 2019. Disponível em: <http://sociodialeto.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/183>. Acesso em: 10 jan. 2025.

ARAÚJO, A. A.; SILVA, D. A.; FREITAS, M. A. *Aí e então: um estudo variacionista sobre os sequenciadores no falar culto de Fortaleza*. In: VIANA, R. B. de M.; RODRIGUES, L. da S.; PONTES, V. de O.; CARVALHO, H. M. de (Orgs.). **Estudos em Sociolinguística Variacionista e Sociofuncionalismo**. Fortaleza: Pimenta Cultural, 2020. p. 264-289. Disponível em: https://www.pimentacultural.com/wp-content/uploads/2024/05/e-Book_Estudos-em-sociolinguisticas.pdf. Acesso em: 12 jan. 2025.

HALLIDAY, M. A. K.; HASAN, R. **Cohesion in English**. London: Longman, 1976.

KOCH, I. V. **A coesão textual**. 19. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

KOCH, I. V. **Introdução à linguística textual: trajetória e grandes temas**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

LABOV, W. **Principles of Linguistic Change – Social Factors**. Oxford: Blackwell, 2001.

LABOV, W. **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

PINHEIRO, C. L. O tópico discursivo como categoria analítica textual interativa. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas-SP, v. 48, n. 1, p. 43-51, 2011. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637254>. Acesso em: 24 dez. 2024.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. **Goldvarb X: A multivariate analysis application**. Toronto: Department of Linguistics; Ottawa: Department of Mathematics, 2005. Disponível em: <http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>. Acesso em: 27 dez. 2024.

SANTOS, J. C.; FREITAG, R. M. K. Estratégias de sequenciação de informações na fala de Itabaiana/SE. **Scientia Plena**, Aracaju-SE, v. 7, n. 3, p.1-10, 2011. Disponível em: <https://www.scientiaplena.org.br/sp/article/view/101>. Acesso em: 19 dez. 2024.

TAVARES, M. A. O papel do gênero textual na variação estilística: em busca de padrões comunitários. **Revista do GELNE**, [S. l.], v. 14, n. 1/2, p. 239–257, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9372>. Acesso em: 8 jan. 2025.

TAVARES, M. A. Variação no uso de conectores sequenciadores temporais em gêneros textuais narrativos produzidos em entrevistas sociolinguísticas. **Caligrama**, Belo Horizonte, v. 21, n. 2, p.113 – 130, 2016a. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/caligrama/article/view/11125>. Acesso em: 28 dez. 2024.

TAVARES, M. A. Uma análise sociolinguística comparativa de conectores sequenciadores: foco na escolaridade. **Linguística**, Montevideo-UY, v. 32, n. 2, p. 113- 128, 2016b. Disponível em: http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079312X2016000200008&lng=es&nrm=iso. Acesso em: 19 dez. 2024.

TAVARES, M. A. Variação discursiva e gramaticalização: o controle de condicionamentos semântico-pragmáticos e o princípio da persistência. **Letrônica**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 187-199, 2017. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/letronica/article/view/25079/16333>. Acesso em: 12 jan. 2025.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. I. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006.